

Luís Antônio da Gama e Silva, Augusto Hamann Rademaker Grünewald, Aurélio de Lyra Tavares, José de Magalhães Pinto, Antônio Delfim Netto, Mário David Andreazza, Ivo Arzua Pereira, Tarso Dutra, Jarbas G. Passarinho, Márcio de Souza e Mello, Leonel Miranda, José Costa Cavalcanti, Edmundo de Macedo Soares, Hélio Beltrão, Afonso A. Lima, Carlos F. de Simas

b) Entrevista com o diretor do filme, Chaim Litevski, presente nos extras do filme.

c) Filmografia complementar:

*Pra frente Brasil*, de Roberto Farias (Brasil, 1982)

*Lamarca*, de Sergio Rezende (Brasil, 1994)

d) Sites recomendados

Aqui se pode baixar toda a documentação que consta no projeto *Brasil Nunca Mais*, sobre as violações de direitos humanos durante a ditadura civil-militar: <http://www.dhnet.org.br/memoria/nuncamais/index.htm>

Site do Grupo Tortura Nunca Mais: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/>

Site organizado pelo historiador e militante de Direitos Humanos Aluizio Palmar, com documentos inéditos descobertos pelo autor: <http://www.documentosrevelados.com.br/>.

## 2.2. *Hércules 56*

### 2.2.1. Ficha técnica

**Título Original:** Hércules 56

**Gênero:** Documentário

**Origem:** Brasil, 2006

**Direção:** Silvio Da-Rin

**Roteiro:** Silvio Da-Rin

**Produção:** Suzana Amado

**Fotografia:** Jacques Cheuiche

**Edição:** Karen Harley

**Música:** Berna Ceppas, Kamal Kassim, Flu

**Duração:** 94 min

### 2.2.2. Sinopse e elementos do contexto histórico

O filme conta a história do rapto do embaixador dos EUA no Brasil, Charles Elbrick, ocorrido em setembro de 1969, em plena Semana da Pátria. As organizações

que empreenderam o sequestro, a Aliança Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) se articularam para denunciar as arbitrariedades da ditadura civil-militar e exigir a libertação de 15 presos políticos que sofriam torturas nos cárceres da repressão. Os libertados foram enviados ao México num avião da FAB cujo nome era Hércules 56. Visando fazer “cair a máscara” do regime durante as comemorações da Semana da Pátria, os revolucionários também exigiram a publicação e veiculação em diversos meios de comunicação de um manifesto que expunha o que estava ocorrendo nos porões da ditadura após a promulgação do AI-5. Ao final, o embaixador foi solto, mas a repressão sobre os envolvidos e suas organizações políticas foi feroz e resultou na morte de Carlos Marighella, líder da ALN e principal dirigente da luta armada contra a ditadura civil-militar.

Para contar essa história, o cineasta Silvio Da-Rin, ele mesmo um militante da luta armada na época da ditadura, reuniu cinco participantes da ação e entrevistou os nove sobreviventes do grupo dos presos libertados.

O período imediatamente após o AI-5 foi de crescimento da luta armada, pois os canais de expressão da oposição política estavam fechados ou extremamente cerceados. Ao recrudescer a censura e fazer da tortura e do extermínio práticas legitimadas para eliminação da oposição, o regime perdia sua capa de legalidade. Foi um momento em que a esquerda legalista foi duramente questionada, até mesmo porque seus membros foram tão perseguidos quanto os da esquerda armada, demonstrando como o objetivo final do regime era exterminar a oposição e não simplesmente reprimi-la.

O AI-5 foi uma resposta da ditadura civil-militar, dirigida no período pela chamada “linha-dura” e tendo a frente do governo o general Arthur da Costa e Silva, ao crescimento da oposição política que marcou o ano de 1968. O ano foi de rebeliões no mundo todo, sendo a mais conhecida dela o Maio de 68 francês, cujo movimento, liderado por estudantes, esteve perto de derrubar o governo do Marechal Charles De Gaulle. No Brasil, em março de 1968, milhares de manifestantes tomaram as ruas do Rio de Janeiro durante o enterro do estudante secundarista Edson Luís, assassinado pela Polícia Militar que reprimia uma manifestação de estudantes no restaurante estudantil Calabouço. Em junho houve a passeata dos Cem Mil, no centro do Rio de Janeiro, reunindo não somente a esquerda mais organizada, mas também segmentos médios que, a princípio, haviam apoiado o golpe. O ano também foi marcado pelas grandes greves de Contagem e Osasco, com ocupações de fábrica que deram visibilidade ao sindicalismo mais combativo na oposição à ditadura. Todos esses movimentos foram intensamente reprimidos, culminando com a invasão do XX Congresso da UNE, realizado de modo clandestino em Ibiúna, por forças da repressão, ocasião em que as principais lideranças estudantis foram presas. Toda essa repressão contribuiu para fornecer quadros para a luta armada.

É preciso lembrar que esse também era o contexto em que a Revolução Cubana, ocorrida em 1959, era tomada como modelo de ação revolucionária bem sucedida e inspirava tanto a luta armada urbana quanto as perspectivas foquistas. Estas visavam

estabelecer focos revolucionários no interior do país e, assim, criar condições necessárias para a derrubada da ditadura e para um processo revolucionário. A frase de Che Guevara que resume o foquismo diz “é preciso criar um, dois, três, muitos Vietnãs.” Em 1968, a Guerra do Vietnã começou a virar a favor dos guerrilheiros liderados por Hoh Chi Minh, acendendo ainda mais o sonho revolucionário pela via armada.

O sequestro do embaixador dos EUA se insere, portanto, nesse contexto mais amplo e foi o primeiro de uma série. É considerado ao mesmo tempo o auge da luta armada e o início de seu fim, pois a repressão que se desencadeou a partir daí se tornou avassaladora.

### 2.2.3. Questões para debate

- a) Logo no início do filme, os ex-guerrilheiros do MR-8 e da ALN que realizaram o sequestro debatem a natureza da ação, diferenciando rapto de sequestro. Enquanto o primeiro seria uma ação política de resistência à ditadura, entendida como um regime terrorista, o segundo seria um crime comum. Qual a diferença entre as duas coisas? Se a ditadura é um “regime de exceção” e, como tal, age ao arripio da lei, terroristas são os que a combatem ou os que, em seu nome, praticam torturas e outros crimes contra a vida humana? O que é crime num estado terrorista?
- b) Vemos no filme que a esquerda, ao contrário do que faz crer o discurso anticomunista veiculado pelo regime e seus apoiadores, não era unificada. Essa diversidade de posições e estratégias de luta das várias organizações políticas do período demonstrava também sua fragilidade. Por que, então, a propaganda política da ditadura apresentava a esquerda como força organizada e ameaçadora? Havia realmente uma “guerra” no período?
- c) Como podemos perceber, no filme, principalmente na fala da ex-prisioneira política Maria Augusta, o papel da imprensa no apoio à ditadura?
- d) Em determinado momento do filme, o ex-presos político Flavio Tavares diz que a diferença entre o preso político e o preso comum é que o primeiro “não se sente culpado, pois se sente vítima do terror que quer destruir.” Como podemos refletir sobre essa diferenciação? Existe preso que não seja político, em sentido amplo?
- e) No balanço da ação do sequestro que é feito no filme, Franklin Martins, Daniel Aarão Reis Filho e os outros participantes explicam a racionalidade dos seus cálculos políticos e militares. Por exemplo, eles acreditavam que a doença do presidente Costa e Silva, que levou a Junta Militar a assumir o poder, era um momento propício de fragilidade do regime. Nesta e em outras passagens, pode-se perceber que a imagem comum da esquerda armada como sendo formada por indivíduos inconsequentes e irracionais é um estereótipo que não corresponde à realidade. Os presos trocados pelo embaixador também divergem sobre os erros e acertos das estratégias da luta armada, mas todos apontam para a importância do enfrentamento à ditadura. Como podemos, então, refletir

sobre o dizer de Flávio Tavares no filme: “Não fomos para debaixo da cama. Demos o que de melhor se tinha: a vida. Foi um ato de generosidade”?

#### 2.2.4. Materiais de apoio (documentos, trechos de livros, filmes)

- a) Manifesto da ALN e do MR-8 que foi amplamente divulgado como condição para a libertação do embaixador dos EUA:

“Grupos revolucionários detiveram hoje o sr. Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum lugar do país, onde o mantêm preso. Este ato não é um episódio isolado. Ele se soma aos inúmeros atos revolucionários já levados a cabo: assaltos a bancos, nos quais se arrecadam fundos para a revolução, tomando de volta o que os banqueiros tomam do povo e de seus empregados; ocupação de quartéis e delegacias, onde se conseguem armas e munições para a luta pela derrubada da ditadura; invasões de presídios, quando se libertam revolucionários, para devolvê-los à luta do povo; explosões de prédios que simbolizam a opressão; e o justicamento de carrascos e torturadores.

Na verdade, o rapto do embaixador é apenas mais um ato da guerra revolucionária, que avança a cada dia e que ainda este ano iniciará sua etapa de guerrilha rural.

Com o rapto do embaixador, queremos mostrar que é possível vencer a ditadura e a exploração, se nos armarmos e nos organizarmos. Apareceremos onde o inimigo menos nos espera e desapareceremos em seguida, desgastando a ditadura, levando o terror e o medo para os exploradores, a esperança e a certeza da vitória para o meio dos explorados.

O sr. Burke Elbrick representa em nosso país os interesses do imperialismo, que, aliados aos grandes patrões, aos grandes fazendeiros e aos grandes banqueiros nacionais, mantêm o regime de opressão e exploração.

Os interesses desses consórcios de se enriquecerem cada vez mais criaram e mantêm o arrocho salarial, a estrutura agrária injusta e a repressão institucionalizada. Portanto, o rapto do embaixador é uma advertência clara de que o povo brasileiro não lhes dará descanso e a todo momento fará desabar sobre eles o peso de sua luta. Saibam todos que esta é uma luta sem tréguas, uma luta longa e dura, que não termina com a troca de um ou outro general no poder, mas que só acaba com o fim do regime dos grandes exploradores e com a constituição de um governo que liberte os trabalhadores de todo o país da situação em que se encontram.

Estamos na Semana da Independência. O povo e a ditadura comemoram de maneiras diferentes. A ditadura promove festas, paradas e desfiles, solta fogos de artifício e prega cartazes. Com isso, ela não quer comemorar coisa nenhuma; quer jogar areia nos olhos

dos explorados, instalando uma falsa alegria com o objetivo de esconder a vida de miséria, exploração e repressão em que vivemos. Pode-se tapar o sol com a peneira?  
Pode-se esconder do povo a sua miséria, quando ele a sente na carne?

Na Semana da Independência, há duas comemorações: a da elite e a do povo, a dos que promovem paradas e a dos que raptam o embaixador, símbolo da exploração.

A vida e a morte do sr. embaixador estão nas mãos da ditadura. Se ela atender a duas exigências, o sr. Burke Elbrick será libertado. Caso contrário, seremos obrigados a cumprir a justiça revolucionária. Nossas duas exigências são:

a) A libertação de quinze prisioneiros políticos. São quinze revolucionários entre os milhares que sofrem as torturas nas prisões-quartéis de todo o país, que são espancados, seviciados, e que amargam as humilhações impostas pelos militares. Não estamos exigindo o impossível. Não estamos exigindo a restituição da vida de inúmeros combatentes assassinados nas prisões. Esses não serão libertados, é lógico. Serão vingados, um dia. Exigimos apenas a libertação desses quinze homens, líderes da luta contra a ditadura. Cada um deles vale cem embaixadores, do ponto de vista do povo. Mas um embaixador dos Estados Unidos também vale muito, do ponto de vista da ditadura e da exploração.

b) A publicação e leitura desta mensagem, na íntegra, nos principais jornais, rádios e televisões de todo o país.

Os quinze prisioneiros políticos devem ser conduzidos em avião especial até um país determinado \_ Argélia, Chile ou México \_, onde lhes seja concedido asilo político. Contra eles não devem ser tentadas quaisquer represálias, sob pena de retaliação.

A ditadura tem 48 horas para responder publicamente se aceita ou rejeita nossa proposta. Se a resposta for positiva, divulgaremos a lista dos quinze líderes revolucionários e esperaremos 24 horas por seu transporte para um país seguro. Se a resposta for negativa, ou se não houver resposta nesse prazo, o sr. Burke Elbrick será justificado. Os quinze companheiros devem ser libertados, estejam ou não condenados: esta é uma "situação excepcional". Nas "situações excepcionais", os juristas da ditadura sempre arranjam uma fórmula para resolver as coisas, como se viu recentemente, na subida da junta militar.

As conversações só serão iniciadas a partir de declarações públicas e oficiais da ditadura de que atenderá às exigências.

O método será sempre público por parte das autoridades e sempre imprevisto por nossa parte.

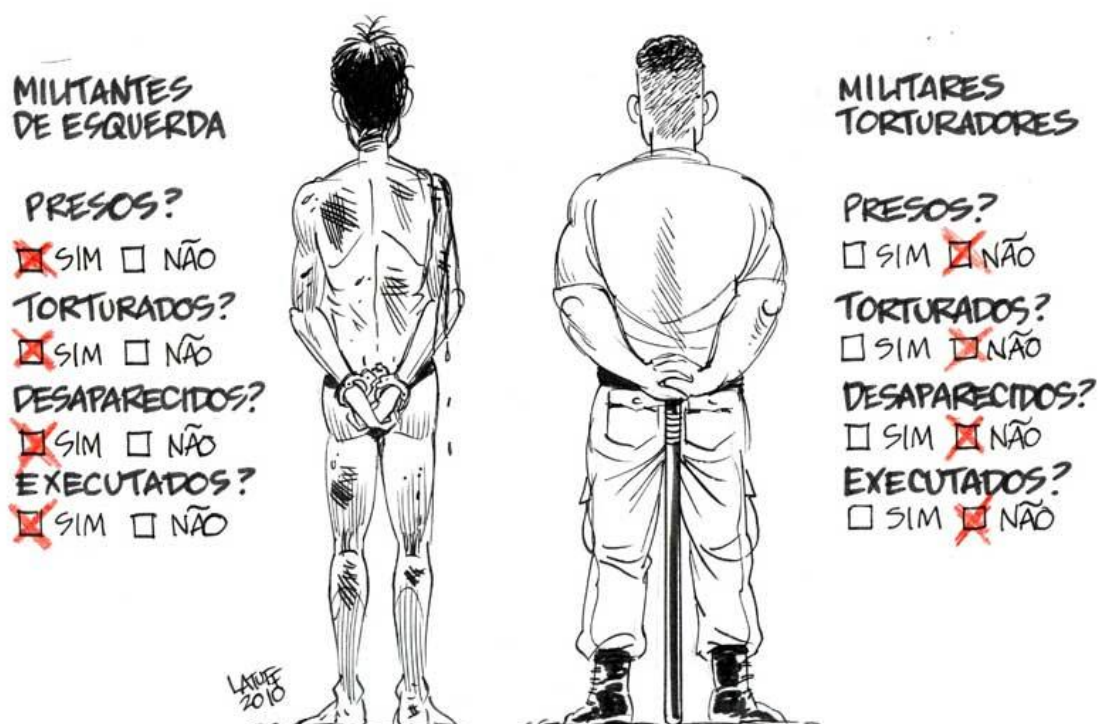
Queremos lembrar que os prazos são improrrogáveis e que não vacilaremos em cumprir

nossas promessas.

Finalmente, queremos advertir aqueles que torturam, espancam e matam nossos companheiros: não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa. Estamos dando o último aviso. Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente.”

Ação Libertadora Nacional (ALN)  
Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8)

- b) Charge de Latuff sobre a desigualdade entre os lados em confronto, contestando a versão da ditadura de que se tratava de uma guerra entre combatentes de forças equivalentes:



- c) Letra em português da canção *A Internacional*, assoviado por um dos presos no Hércules 56:

De pé, ó vítimas da fome  
De pé, famélicos da terra

Da ideia a chama já consome  
A crosta bruta que a soterra

Cortai o mal bem pelo fundo  
De pé, de pé, não mais senhores  
Se nada somos em tal mundo  
Sejamos tudo, ó produtores

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Senhores, Patrões, chefes supremos  
Nada esperamos de nenhum  
Sejamos nós que conquistemos  
A terra mãe livre e comum

Para não ter protestos vãos  
Para sair desse antro estreito  
Façamos nós por nossas mãos  
Tudo o que a nós nos diz respeito

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

O crime de rico, a lei o cobre  
O Estado esmaga o oprimido  
Não há direitos para o pobre  
Ao rico tudo é permitido

À opressão não mais sujeitos  
Somos iguais todos os seres  
Não mais deveres sem direitos  
Não mais direitos sem deveres

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Abomináveis na grandeza  
Os reis da mina e da fornalha  
Edificaram a riqueza  
Sobre o suor de quem trabalha  
Todo o produto de quem sua  
A corja rica o recolheu

Querendo que ela o restituia  
O povo só quer o que é seu

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Nós fomos de fumo embriagados  
Paz entre nós, guerra aos senhores  
Façamos greve de soldados  
Somos irmãos, trabalhadores

Se a raça vil, cheia de galas  
Nos quer à força canibais  
Logo verás que as nossas balas  
São para os nossos generais

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

Pois somos do povo os ativos  
Trabalhador forte e fecundo  
Pertence a Terra aos produtivos  
Ó parasitas deixai o mundo

Ó parasitas que te nutres  
Do nosso sangue a gotejar  
Se nos faltarem os abutres  
Não deixa o sol de fulgurar

Bem unidos façamos  
Nesta luta final  
Uma terra sem amos  
A Internacional

d) Sites recomendados:

<http://jeocaz.wordpress.com/2009/07/26/os-sequestros-que-abalaram-a-ditadura-militar/>

[http://franklinmartins.com.br/estacao\\_historia\\_artigo.php?titulo=manifesto-do-sequestro-do-embaixador-americano-rio-1969](http://franklinmartins.com.br/estacao_historia_artigo.php?titulo=manifesto-do-sequestro-do-embaixador-americano-rio-1969)